

O trabalho colectivo no contexto das comunidades e Países de Língua Portuguesa: O processo de tecelagem da Rede Oceano

The collectiv work in the context of Portuguese-speaking communities and countries; the Oceano Network weaving process

Isis Torales,  Marília Andrade Torales-Campos  e Dione Iara Silveira

Kitzmann  . Universidade Federal do Paraná-UFPR (Brasil)

Resumo

Como um coletivo da pesca que prepara a rede desde a escolha dos materiais à tecelagem de sua malha, propomos a criação da Rede Oceano: Educação Ambiental nas comunidades e países de língua portuguesa. Um espaço que visa ser uma rede democrática de comunicação, em que haja a partilha e a integração de saberes. Uma iniciativa que está sendo idealizada para abranger todos os países, regiões e comunidades de língua portuguesa, em caráter oficial ou por identidade linguística e cultural. Como objeto de interesse comum, a Educação Ambiental Marinha e Costeira se constitui em um ponto de convergência para as e os participantes. Inicialmente sua proposta foi apresentada como uma mesa de diálogo no VI Congresso Internacional de Educação Ambiental dos países e comunidades de língua portuguesa e agora os seus nós começam a ser entrelaçados para a tecelagem de uma rede pautada na comunicação dialógica no âmbito da Lusofonia.

Astract

As a fishing collective that prepares the net from the choice of materials to the weaving of its mesh, we propose the creation of the Ocean Network: Environmental Education in Portuguese-speaking communities and countries. A space that aims to be a democratic network of communication, where there is the sharing and integration of knowledge. An initiative that is being designed to cover lusophones countries, regions and communities, officially or by linguistic and cultural identity. As an object of common interest, the Marine and Coastal Environmental Education constitutes a point of convergence for the participants. Initially its proposal was presented as a dialogue table at the VI International Congress on Environmental Education of Portuguese-speaking countries and communities and now its nodes are beginning to be intertwined for the weaving of a network based on dialogic communication within the scope of Lusophony.

Palavras chave

Educación Ambiental; Educación Ambiental Mariña e Costeira; Lusofonía; Rede Oceánica..

Key-words

Environmental Education; Marine and Coastal Environmental Education; Lusophony; Ocean Network.

O começo da história

Nosso ponto de partida se apoia na necessidade de ampliar e aprofundar a comunicação entre pessoas de diferentes lugares e na vontade de constituir comunidades de aprendizagem e prática que tenham a Educação Ambiental como eixo comum e de integração. Entendemos que a comunicação é um processo pelo qual os seres humanos trocam informações, interagem e manifestam seus sentimentos e visões de mundo na busca do “communis” ou mesmo, do “diversum”. Nestas interações, em que a diferença e a diversidade são valores fundamentais, emerge a possibilidade de encontros naquilo que é comum, que aproxima, que cria o oportuno para a construção de algum tipo de manifestação coletiva e até mesmo, comunitária.

Em um contexto em que o modelo mundializado de desenvolvimento econômico se impõe aos campos científico, tecnológico e social, é preciso pensar ações políticas capazes de transformar determinados cenários, marcados por estilos de vida centrados em padrões de bem-estar incompatíveis com o equilíbrio ambiental do planeta. Neste sentido, como ato de reação e resistência à crise ambiental planetária, a proposta de constituição de uma rede de educadores ambientais atuantes e/ou envolvidos com ecossistemas de regiões marinhas

e costeiras, emerge da necessidade de formação de comunidades, caracterizadas como comunidades de prática (WENGER, 1998), ou comunidades cooperativas (FOREST, 1998), ou mesmo, entendidas na perspectiva de ORELLANA (2005), como espaço de colaboração, comunicação, diálogo e aprendizagem coletiva para a construção de sentido e identidade.

Nesta perspectiva, esta proposta se iniciou a partir dos trabalhos e discussões que emergiram no âmbito do Núcleo de Cultura Oceânica e Educação Ambiental Marinha e Costeira do Centro de Educação Ambiental e Preservação do Patrimônio (CEAPP), uma instituição coordenada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A apresentação da proposta de constituição de uma rede de pessoas que atuam no campo da Educação Ambiental com temáticas relacionadas à realidade das regiões costeiras e marinhas, foi considerada oportuna no momento de realização do VI Congresso Internacional de Educação Ambiental dos países e comunidades de língua portuguesa.

Esta convergência entre o desejo de articulação na forma de uma rede e a presencialidade possível em um momento ainda pandêmico, tomou materialidade em uma mesa de diálogo integrada nas ações do congresso. Na oportunidade, foi possível identificar prováveis integrantes

da rede, bem como estabelecer diálogos com outras ações que caminhavam no mesmo sentido, ou seja, com objetivos de cooperação em relação aos temas relacionados ao oceano.

Justificamos que a ideia de criação da denominada Rede Oceano: Educação Ambiental nas Comunidades e Países de Língua Portuguesa emerge do entendimento de que o trabalho em rede possui alto potencial para fortalecer ações e propostas de construção coletiva e dialógica. Na intenção de responder à pergunta “o que é uma rede?”, AMARAL (s. d., p. 02) explica que, do ponto de vista morfológico e estrutural, é como uma rede de pesca, “com linhas se entrecruzando, formando um nó, um ponto de encontro, e formando outro nó, outro ponto de conexão e assim por diante”. Ainda na perspectiva da autora, quando falamos de rede de organizações e pessoas que se articulam, estamos dizendo que “as relações internas do seu sistema de relações, dos elementos que as formam, se dão como numa rede, a partir de conexões, ponto a ponto, entre as pessoas e instituições” (AMARAL, s. d., p. 02).

Na perspectiva de construir um ambiente de comunicação ativo, para que a rede se apoia-se nas possibilidades e caminhos abertos pelas novas tecnologias, se buscou estruturar uma network inicial por contatos feitos com base em e-mails. Logicamente, é preciso considerar a necessidade de uso de uma toolbox diversificada para ampliar

as possibilidades de comunicação, tendo em vista que os países de língua portuguesa estão localizados em quatro continentes diferentes, o que significa um esforço de ajustes de horários, linguagens, etc. Por outro lado, em um mundo cada vez mais iconográfico, houve uma preocupação em elaborar uma imagem que pudesse representar, ainda que provisoriamente, o espírito e a identidade da Rede Oceano (figura 1).

Assim, na figura 1 é apresentada uma proposta inicial de imagem que poderá servir como logo para a Rede Oceano. A escolha pela cor azul trás como referência a vastidão do azul do oceano. Já a escolha por uma imagem que incluía uma rede de pesca, trás o simbolismo do trabalho coletivo que buscamos com esta proposta, já que as malhas pesqueiras artesanais são tradicionalmente tecidas por mais de uma pessoa. Pescadoras e pescadores têm a ajuda de familiares e de membros



Figura 1: proposta inicial de logo para a Rede Oceano. Fonte: elaboração própria.

de suas colônias para a realização desta tarefa. Além disso, sabemos que o “ato” de pescar não se limita ao sair ao mar e retornar com peixe. Existe toda uma cadeia de pessoas que colaboram para este acontecimento. Desde a tecelagem da rede e preparo do barco, até o armazenamento e preparo do pescado, como é o caso da limpeza do camarão e a produção dos filés de peixe – trabalho muitas vezes exercido, sem o devido reconhecimento laboral, por mulheres.

Dialogar sobre o Oceano

Ao considerar a importância da relação entre humanidade¹ e natureza e a atual crise ambiental que atinge a nossa civilização e diversos ecossistemas, fica evidente a importância da Educação Ambiental para a construção de respostas sociais a tal crise (SAUVÉ, 2004; GUIMARÃES, 2004). Assim, põe-se em relevo que a proposta tem potencial para contribuir ao campo social e científico, tendo em vista que os

1 Tomando como referência o Manual para o uso não sexista da linguagem do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2014, p. 67-68), no presente texto será evitado o uso de formas de linguagem sexista ou androcêntricas e, quando possível, será empregado o uso de palavras abstratas ou genéricas como referência coletiva aos dois gêneros. Como ação positiva e de visibilidade, será utilizado sempre o feminino antes de seu correspondente masculino (Governo do Estado do Rio Grande do Sul; Secretaria de Políticas para Mulheres, 2014, p. 87).

ecossistemas oceânicos são fundamentais para o equilíbrio sistêmico do planeta.

Apenas de forma mais recente na história da Ciência, o oceano (aqui referido como um ambiente único, sem fronteiras físicas e que cobre aproximadamente 70% da superfície terrestre) e as regiões costeiras passaram a ser área de interesse por parte de pesquisadoras e pesquisadores. Desta forma, alguns grupos e instituições por todo o mundo se especializaram em desenvolver pesquisas e formar profissionais com capacitação para conhecer e entender a natureza dinâmica do oceano e o significado que este tem para o passado, presente e futuro do planeta.

Nesse sentido, a atualidade das temáticas relacionadas ao oceano é percebida na evidência de questões como poluentes e lixo marinho, perda de biodiversidade aquática e outros aspectos que relacionam a regulação do clima e equilíbrio sistêmico do planeta aos ecossistemas oceânicos, fundamentais ao ciclo de transformação do oxigênio terrestre e como área de maior produtividade biológica da Terra. Nesse sentido, o oceano, objeto de interesse central na formação da rede ora descrita, passou a receber maior atenção, na medida em que a sociedade foi adquirindo uma consciência mais profunda sobre a grande importância desse ambiente para a humanidade. Como afirmam/sustentam CASTELLO & KRUG (2015, p. 10) ao escreverem que “nas últimas décadas, o oceano

passou a receber maior atenção, à medida que a sociedade foi adquirindo uma consciência mais profunda sobre a importância desse ambiente para a humanidade”.

Ao reconhecer a importância da temática, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu a Década Internacional da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável, no período de 2021 a 2030 (ONU, 2017). Da mesma forma, o VI Congresso Internacional Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa estabeleceu que “Oceano, lusofonia e Educação Ambiental: caminho para a esperança de uma transição socioecológica na CPLP²” seria o tema central de seus debates. Tal enfoque denota a importância transfronteiriça do tema para o campo da Educação Ambiental e desafia os educadores a uma ação coletiva inovadora.

Assim, entendemos a necessidade de aumentarmos o diálogo e diminuirmos a “distância” da sociedade em relação ao sistema oceânico. Visto que o conjunto de ecossistemas que compõem essa região tão importante ambientalmente, tem sua relevância comumente ignorada por aquelas e aqueles que não possuem uma relação direta com estes espaços. E, ao não compreendermos que todo e qualquer processo (natural ou antrópico) possui efeitos diretos ou indiretos à população,

se fragiliza qualquer ação de Educação Ambiental.

A Lusofonia no contexto das Comunidades e Países de Língua Portuguesa

A Lusofonia, como condição de quem se identifica lusófono, tem como principal característica cultural a possibilidade de comunicação em língua portuguesa. Por óbvio, o uso idiomático não é o único definidor da identidade de um povo, por isso, seria ingênuo desconsiderar elementos históricos e sociais na constituição da Rede Oceano. Portanto, consideramos a presença de aspectos da lusofonia no contexto das comunidades e países de língua portuguesa, mas sem deixar de reconhecer as manifestações culturais de cada país, que enriquecem e atribuem identidade e contornos particulares a comunidade integrante da Rede Oceano.

Em princípio, a rede se caracteriza por estar constituída por pessoas envolvidas com o campo da Educação Ambiental em países, regiões e povos que compartilham a língua portuguesa, o que inclui Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Galiza (por identidade linguística). Além de terem o idioma português em comum, estes países e comuni-

2 CPLP é a sigla para Comunidades e Países de Língua Portuguesa

dades, por força de suas trajetórias históricas, também compartilham certo grau de afinidade cultural. Nesta rica pluralidade, se encontram os elementos que aproximam e dão potência à formação de comunidades de aprendizagem e ação coletiva, tal qual se ambiciona nesta propositura.

De acordo com BAPTISTA (2012), uma comunicação dialógica só é possível se tivermos no mínimo dois *partenaires*³ que são, ao mesmo tempo, parecidos e diferentes.

A comunicação que se estabelece aos mais diversos níveis é não só espaço de diálogo que se abre, mas também construção e constituição desta semiosfera que aqui abordamos: a Lusofonia. Significa isto em concreto que este espaço semiótico lusófono nada é à partida, de forma essencialista, mas apenas constituído pelas mensagens que aí são trocadas, filtradas pelas diversas memórias culturais em presença e em constante mutação e dinamismo. Só como produto desta dinâmica, que se vai construindo pela qualidade e quantidade de mensagens efectivamente trocadas, ou não, é que se pode forjar o espaço de diálogo e troca cultural que se pretende que seja a Lusofonia (Idem, 2012, p. 15, grifo nosso).

No caso da Lusofonia, pela autora considerada como uma *semiosfera*⁴ específica,

3 “Parceiros” em Frances

4 Segundo BAPTISTA (2012, p. 18), “a abordagem da semiótica da cultura resulta da análise das relações entre o homem e o mundo,

esta parece ser uma condição assegurada: países e comunidades interligados por laços histórico-linguísticos, mas ao mesmo tempo também próximos e diferentes culturalmente entre si. Seguindo nesta discussão, a autora afirma que “*para que haja comunicação dialógica, exige-se simultaneamente reciprocidade e mutualidade no intercâmbio da informação*” (BAPTISTA, 2012, p. 18). No entanto, é preciso ressaltar que, na prática, esta reciprocidade e mutualidade simultânea no intercâmbio de informação pode se apresentar como um desafio na efetivação de uma comunicação realmente dialógica entre as comunidades e os países em questão.

Do ponto de vista de uma comunicação dialógica no âmbito da Lusofonia este é um dos aspectos mais críticos a considerar. Na verdade, a comunicação não tem sido recíproca, até porque os parceiros se encontram em posições muitíssimo diferentes: Portugal é um país com uma história de oito séculos que frequentemente não reconhece aos países lusófonos mais jovens, a braços com múltiplas dificuldades de toda a índole, um estatuto de reciprocidade ou mutualidade no diálogo. Porque a comunicação, para ser efectiva, tem de ser descontínua, quer dizer, permitir aos diversos elementos a posição tanto de emissor como de receptor, ela encontra-

sendo a semiosfera (definida por analogia com o conceito de biosfera) o domínio em que todo o sistema sóico pode funcionar”. A comunicação, para LOTMAN (apud BAPTISTA, 2012, p. 18-19), “não existe fora da semiosfera e é ela que constitui igualmente a possibilidade de produção de novas informações”.

se comprometida e, por esta via, a constituição do próprio espaço lusófono também (Idem, 2012, p. 18).

Considerando a problemática encontrada na comunicação dialógica entre os países e as comunidades lusófonas, como aponta BAPTISTA (2012), propomos a criação de uma rede de comunicação pautada no diálogo e tendo como centralidade a Educação Ambiental Marinha e Costeira, mas não se resumindo a esta. Pois, como escreve AMARAL (s. d., p. 09), *“a experiência de participar de uma rede é reveladora das potencialidades positivas do encontro humano, quando ele se dá num contexto de confiança, reciprocidade e criatividade”*.

É preciso ressaltar, no entanto, que atualmente temos muitas iniciativas que se propõem a uma quebra deste paradigma relatado por BAPTISTA (2012) na Lusofonia. Como exemplo, podemos citar o próprio Congresso Internacional de Educação Ambiental dos países e comunidades de língua portuguesa, que já em sua sexta edição, vem proporcionando um cruzamento de trabalhos, ideias e pesquisas no campo da Educação Ambiental entre os países, regiões e comunidades falantes da língua portuguesa. Esta iniciativa notoriamente vem contribuindo com os processos de (des)colonialidade e fortalecendo os sentimentos de pertença e de busca por uma comunidade lusófona integrada.

Até onde essa rede já chegou?

Tomando como referência as ideias de AMARAL (s.d.), entendemos que é importante criar ambientes e situações de confiança, que possam dar solidez aos relacionamentos e relações interpessoas e interinstitucionais. A mesma autora reforça ainda que *“relacionamentos autênticos são nutridos através de conversações pessoais, diálogos frequentes, trabalho e responsabilidades compartilhadas”* (AMARAL, s.d., p. 08). Assim, é possível dizer que a confiança e a reciprocidade são construídas e vivenciadas em contextos de sistema de comunicação dialógica na rede, um sistema que precisa ser aberto e fluido, incluir círculos de realimentação e ser praticado por todas e todos (AMARAL, s.d.).

Assim, a priori, a Rede Oceano busca integrar qualquer profissional e cidadã ou cidadão que atue e tenha interesse nas questões relacionadas ao oceano no âmbito das comunidades e países de língua portuguesa. Assim, estaremos buscando parceiras e parceiros que desejam participar e/ou contribuir como ponto focal da Rede Oceano. Além disso, considerando o que observa AMARAL (s. d.), estamos também em um movimento de busca por instituições parceiras interessadas em assumir o compromisso de contribuir e ajudar de forma voluntária ou com apoio financeiro.

Ressaltamos que o principal objetivo da rede é ser um espaço de afirmação da Cultura Oceânica, a partir de comunicação dialógica e de partilha de conhecimentos, ações e informações. A “Cultura Oceânica” é uma compreensão da influência do oceano nas pessoas e a influência das pessoas no oceano. Também conhecida como “Alfabetização Oceânica”, tradução literal do termo inglês “Ocean Literacy”, é um conceito voltado a escolas, empresas, ONGs, governo, universidades, comunidades, cidadania e que visa reconhecer o papel do oceano na vida das pessoas, levando a repensar comportamentos e viabilizando a proposição e promoção de ações, políticas públicas e ideias inovadoras que ajudem a conservar o oceano e garantir a qualidade de vida das gerações futuras (UNESCO, 2019).

País/comunidade	Total
Angola	2
Brasil	32
Cabo Verde	2
Galiza	1
Guiné-Bissau	2
Moçambique	0
Portugal	14
São Tomé e Príncipe	0
Timor Leste	0
Outros	1
Total	54

Tabela 1: número de respondentes por país. Fonte: elaboração própria.

Um dos primeiros passos em direção à efetiva criação da rede está sendo a aplicação do formulário de interesse de participação, o qual contém as seguintes informações: nome da pessoa interessada; endereço de e-mail principal para ser adicionado ao grupo; formação; país em que se encontra (na CPLP ou outro); instituição/organização; atividade que desenvolve; experiência em Educação Ambiental (envolve outros países e/ou tem potencial de envolver); contribuições ao documento norteador da rede; e, indicações de outras pessoas que tenham interesse em integrar a rede.

Até o março de 2022, o formulário recebeu 54 respostas. Destas, predominou o interesse de pessoas do Brasil (tabela 1; gráfico 1). No entanto, considerando que esta é uma iniciativa que emerge no contexto de um núcleo de pesquisa brasileiro, este dado não foge do inicialmente esperado. Observamos que a opção “Outros” foi assinalada por uma brasileira que atualmente reside em Malta.

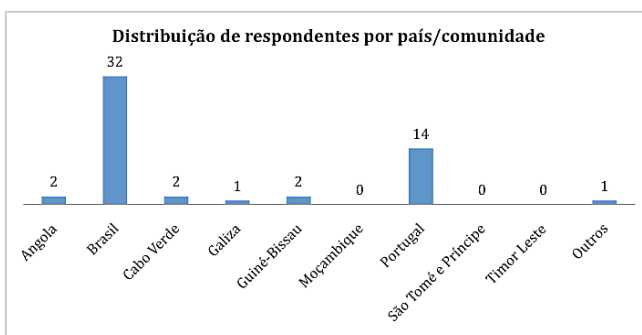


Gráfico 1: número de respondentes por país/comunidade. Fonte: elaboração própria.

O perfil das e dos respondentes até o presente inclui pessoas: 1) de diversas instituições: universidades, grupos de pesquisa, ONGs, associações, entre outras; 2) de diversas formações: Pós-graduação, graduação, formação técnica, entre outras; 3) de diversas áreas de formação: Educação, Ciências do Mar, Biologia, Ecologia, Gestão Ambiental, Comunicação, Sociologia, entre outras; 4) atuando em diversas atividades: professorado, estudantes, pesquisadores, gestores, stakeholders, entre outras; e 5) com diversas experiências e interesses.

Como ainda estamos no movimento de contato com possíveis interessadas e interessados a integrar a rede e a ajudar a contribuir para a sua construção, estamos também selecionando possíveis pontos focais estratégicos de apoio. Assim, para aquelas e aqueles que têm interesse em participar e ajudar na construção da Rede Oceano, solicitamos o envio de e-mail (redeoceano.cplp@gmail.com) para que recebam o formulário inicial de participação. Também, convidamos a todas e todos a divulgarem a Rede Oceano junto a seus pares.

Conclusões iniciais de um processo contínuo

Reflexionando sobre o atual debate da questão, se percebe que são muitas as

iniciativas que visam à reaproximação da sociedade às questões marinhas e costeiras. Como exemplo, estão os projetos de Educação Ambiental que têm esta sua centralidade muito difundida e projetada em diversos países, como é o caso da Alfabetização Oceânica (Literacia Oceânica de acordo com a CPLP). Assim, na intenção de reunir essas diferentes iniciativas e proporcionar um espaço democrático de comunicação dialógica, é que propomos a criação da Rede Oceano: Educação Ambiental nas comunidades e países de língua portuguesa.

Ainda que tenhamos relatado certo avanço, ainda há muito que trabalhar em prol da consolidação desta rede. Nossa proposta, pautada na comunicação dialógica, ainda está em construção, apesar de já possuir um objetivo bem definido. Tomando como referência as afirmações de BAPTISTA (2012), somente a partir da comunicação intercultural entre países e comunidades lusófonas poderemos firmar os laços da Lusofonia, que, segundo a mesma, de outro modo não se poderá fazer.

Somos como os nós em uma rede de pesca, acreditamos que o trabalho colaborativo fortalece o entrelaçado e sustenta a malha. Cada nó é peça fundamental na tecelagem da trama da rede. E é nesse processo de costura que nos encontramos. Sempre em construção. Sempre em movimento. Neste caminho, formar comunidades de aprendizagem e prática no

campo da Educação Ambiental é o ponto de referência que nos embala, pois como ação de resistência, rompe com a lógica individualista tão presente na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

- AMARAL, V. Sem data (s.d.). *Conectando pessoas, tecendo redes*. [Recuperado em 20 de fevereiro de 2022, de <https://silo.tips/download/conectando-pessoas-tecendo-redes>].
- BAPTISTA, M. M. (2012). Comunicação Intercultural e Lusofonia: a perspectiva da semiótica da cultura. *Anuário internacional de comunicação lusófona*, p. 11.
- CASTELLO, J. P.; &, KRUG, L. C. (Ed.). (2015). *Introdução às Ciências do Mar*. Pelotas: Editora Textos. [Recuperado em 13 de agosto de 2021, de <https://cienciasdomarbrasil.furg.br/images/livros/LivroIntroducaoCienciasDoMar.pdf>].
- FOREST, L. (1998). Cooperative learning communities: expanding for classroom cocoon to global connections. In: Body, C.M. y N. Davidson. *Professional development for cooperative learning. Issues and approaches*. New York: State University of New York Press, p. 287-307.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL; SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES. (2014). *Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende*. Rio Grande do Sul: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital. [Recuperado em 22 de março de 2022, de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf].
- GUIMARÃES, Mauro. (2004). *A formação de educadores ambientais*. São Paulo: Papyrus Editora.
- ONU, Organização das Nações Unidas. (2017). *ONU declara Década da Oceanografia em 2021-2030*. [Recuperado em 06 de junho de 2021, de <https://nacoesunidas.org/onu-declara-decada-da-oceanografia-em-2021-2030/>].
- ORELLANA, Isabel. (2005). La estrategia pedagógica de la comunidad de aprendizaje en educación ambiental: aprendiendo a construir un saber-vivir-juntos en un medio de vida compartido. *Carpeta Informativa CENEAM*.
- SAUVÉ, Lucie. (2004). Perspectivas curriculares para la formación de formadores en educación ambiental. *Carpeta Informativa CENEAM*, p. 160-162.
- UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2019). *UNESCO lança Programa sobre Cultura Oceânica no Brasil*. [Recuperado em 25 de março de 2022, de <https://www.unesco.org/pt/articles/unesco-lanca-programa-sobre-cultura-oceanica-no-brasil>].
- WENGER, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press.